

COLUNA

## TRAVESTI PRETA NÃO É BAGUNÇA

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

### Universidade, intelectualidade e travestis/trans pretas II: Dani Balbi



Dani Babi. Foto: Divulgação

Estamos e somos acostumados a valorizar instituições, quer sejam elas religiosas ou de ensino; burocráticas ou filantrópicas. Nisso não penso haver erro, visto que a cultura se mantém ou é transmitida em boa parte pelas instituições. Como a Humanidade constrói cultura a todo o instante – agora mesmo o faço – nós vamos criando mecanismos de transmissão que se tornam indissociáveis daquilo que concebemos como um bom percurso de aprendizado. No Brasil, uma dessas instituições supervalorizadas – e é justo que assim o seja – é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ), que neste ano fará 101 anos de existência; 101 anos de pesquisa, ensino e extensão oferecidos à comunidade carioca, brasileira e mundial.

Porém, quero defender as instituições como parte secundária no fazer cultural da

Humanidade, visto que é factível, antropológicamente, a existência primeira dos indivíduos para depois surgirem as instituições. Parafraseando o que digo neste mesmo parágrafo, quero dizer que os indivíduos, em quaisquer esferas científicas, religiosas, filantrópicas, burocráticas imagináveis são mais importantes do que a coroação de suas ações em si. Tornando mais evidente a lógica que opto por seguir no que tange o ensino, penso que instituições não educam pessoas, mas pessoas educam pessoas. Por isso, não se pode pensar o espaço universitário como sendo o espaço da singular indivisibilidade. Muito pelo contrário, gosto de pensar o ambiente universitário como o lugar da diversidade e da quebra dos paradigmas epistemológicos. Porém, como argumentei, quebra-se primeiro um paradigma – social, religioso, cultural, epistemológico – com agentes de transformação. Uma dessas agentes na UFRJ é a professora, mulher trans e negra, Dani Balbi.

A história do movimento de mulheres travestis e transexuais – principalmente o movimento das mulheres negras – é uma trajetória saturada de “agoras”. Ou

seja: ainda é tão raro vermos essa população em ascendência que sempre temos nos relatos o adjetivo “a primeira”. A primeira trans a ser professora, a primeira travesti a ser Rapper, a primeira trans a ser atriz, a primeira... a primeira... os “agoras”. Infelizmente, na história secular da UFRJ não é diferente. Dani Balbi é a primeira professora trans na referida instituição de ensino. Dani ocupa a cadeira de comunicação e realidade na graduação da Escola de Comunicação da universidade. Em entrevista recente à revista Época, Dani relatou que a transexualidade surgiu na sua vida quando ainda era uma criança – bom exemplo para os negacionistas do gênero que dizem que não existem infâncias travestis e transexuais. Durante seu processo de escolarização, Dani se sentia desconfortável na companhia dos meninos, os quais também a rejeitavam de certa forma. Uma referência artística importante para Dani foi uma outra Dani, a Daniela Mercury. Na entrevista a professora relembra que quando tinha 4 anos pediu a sua mãe para que, ao crescer, pudesse colocar grandes seios como o da cantora baiana. Reagindo de forma violenta e taxativa, a mãe de Dani logo tratou de repreendê-la.

Aos 4 anos já havia um limiar de sentimento nutrido por Dani de que algo estava errado, um desconforto que ela sabia que precisaria ajustar mais cedo ou mais tarde. Mas foi só com 12 anos de idade, ainda uma adolescente, que Balbi teve certeza da sua transexualidade ao fazer buscas autônomas em livros, internet e conversas corriqueiras com algumas colegas mais próximas. Isso é interessante porque vemos na prática como o acesso à informação é tão importante para a saúde mental, corporal da população jovem. A escola, já no Ensino Médio, foi o primeiro lugar em que Dani se sentia confortável para ser mulher. Mesmo que de maneira tímida, entre os seus amigos ela se sentia segura para ser no curto espaço das aulas um

alguém livre! Quando ela chegou à UFRJ era porque ainda no Ensino Médio ela havia se apaixonado pela literatura. Não podia ser diferente, a literatura cria carros de saberes, asas de esperança e pés leves como páginas para nos levar a lugares inimagináveis. Eu mesmo, leitor/a, só quis entrar na universidade por causa da literatura. Assim, levada pelas literaturas, Dani decidiu cursar Letras, dali foi monitora, iniciou pesquisas científicas com orientação de professores – passo a passo muito importante para quem deseja seguir carreira acadêmica –



Dani Babi. Foto: Divulgação

e terminada a graduação ela decidiu não parar. Logo ingressou no mestrado e depois no doutorado.

Ao longo dos estudos na UFRJ Dani foi realizando o seu processo de transição. Porém, como ela não se valia de atributos popularmente atribuídos ao universo feminino, era tida muita das vezes como uma figura digna de estranheza. É interessante pensar que o ser mulher patriarcalmente falando não é apenas ter vagina, é ser um quadrado previsível. A palavra “previsível” resume, sintetiza muito bem o pensamento machista para com o corpo feminino. O patriarcado investe na mulher previsível porque é muito mais fácil o traçar do destino dela. A mulher imprevisível é aquela que segue por rota própria, sem se deixar datar por questões geracionais; sem se deixar classificar por noções ultrapassadas de gênero; sem se deixar dominar por postulações matrimoniais. Balbi também não tinha a seu favor o conhecimento e visibilidade pública que a população carioca – ou mesmo a brasileira – possui hoje das identidades trans. Mesmo assim ela optou pelo caminho da capacitação. Outra coisa relevante na história de Dani é que ela foi a chave para que a universidade (entenda-se por indivíduos) comesçassem a pensar protocolos de acolhimento, de permanência das identidades travestis e transexuais naquele espaço. Mesmo diante de algo novo, a universidade se esforçou para acolher Dani, uma característica que a professora reconhece como positiva nas unidades de Ensino Superior do país. Essa dinâmica de incorporação da professora ora em questão foi se tornando rotina até que Balbi virou a UFRJ. Acredito sempre na força das instituições porque antes acreditei na força das pessoas que as fazem. Portanto, hoje temos em Dani o corolário de um esforço que forçosamente precisa se repetir dia a dia. Como dizia Paulo Freire, em minhas palavras, não estamos no mundo, somos o mundo! Precisamos ser a cara das instituições (sejam elas quais forem) nas quais atuamos; ou melhor, elas precisam ser a nossa cara, a cara da D-I-V-E-R-S-I-D-A-D-E!

## **Leandro Rodrigues Nascimento da Silva**



Graduando em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Professor de Língua Portuguesa na instituição CIEP 026 São Vicente de Paula; Professor de Introdução à Arte Ocidental, na Escola de Artes da Baixada; Pesquisador de Educação e Saúde da população travesti, na Fundação Oswaldo Cruz; membro do Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades (LEGESEX-UFRRJ); membro do grupo de estudos em Gênero, Imagem, Discurso (GEIDIR-UFRRJ); pesquisador institucional da UFRRJ em manuscritos contemporâneos e genética da escrita de Carolina Maria de Jesus; membro da Comissão de Avaliação Própria (CPA) da UFRRJ.